



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

ESCRITA DA MULHER NEGRA: HISTÓRIA E MEMÓRIA NA OBRA FE EN DISFRAZ DE MAYRA SANTOS FEBRES.

Eliene Santana dos Santos

Universidade Federal da Bahia- elieneespanolufba@gmail.com

Resumo: Esse trabalho objetiva analisar as relações da escrita da mulher negra caribenha com a história e a memória através da obra da escritora Mayra Santos Febres, no romance *Fe en disfraz*. Nesse romance, entre outros temas, a escritora aborda a sexualidade dos personagens, estabelecendo uma relação com os abusos sexuais que as mulheres escravizadas da América Latina sofriram na época da escravidão pelos seus senhores e como elas puderam subverter as relações de poder postas nesse contexto. O romance estabelece paralelo e relações entre os tempos da escravidão e o uso do corpo da mulher negra, suas marcas deixadas pela escravização colonial e os tempos atuais, através da personagem Fe Verdejo e dos relatos sobre as mulheres escravizadas investigadas por ela. Este estudo visa analisar como as marcas de violência da escravização colonial presentes na obra refletem na vida das mulheres negras nos dias atuais em um cenário latino-americano, quais as representações prevalecem no imaginário da sociedade na atualidade e como a literatura contribui nesse processo. Serão utilizados como referências bibliográficas textos, dentre outros, de Michel Foucault para analisar as questões relacionadas à sexualidade; de Stuart Hall, para analisar questões relacionadas à diáspora; de Angela Davis e bell hooks para questões relacionadas ao corpo feminino e ao papel da mulher na sociedade atual; e Florentina Souza, Ana Rita Santiago, e Patrícia Hill Collins para analisar questões referente a escrita feminina da mulher negra.

Palavras-chaves: mulher negra, escravização, violência feminina, literatura afro-caribenha.

Introdução

Historicamente, em diversos setores da sociedade, a população negra sofre devido às marcas que carregam do passado escravocrata. Sendo assim, nos espaços acadêmicos, por exemplo, geralmente, é privilegiado, majoritariamente, o estudo de intelectuais masculinos, europeus e brancos. Nesse contexto, os estudantes negros, que ainda são minorias na academia, sofrem com a falta de representatividade e os intelectuais negros com a falta de reconhecimento de suas produções, além do efeito mais perverso, que é o de invisibilizar saberes e epistemes que respondem a grande parte de nossa população que seriam representativos desta. Em relação

à mulher negra, essa situação é ainda mais crítica, pois até hoje ela é vítima da opressão devido aos fatores que estão intrincados com a raça, classe e gênero, desse modo, racismo, machismo, sexismo reverberam durante toda sua vida colocando-a no lugar de marginalizada.

Mayra Santos-Febres nasceu na ilha caribenha de Porto Rico em 1966 e começou a escrever aos 05 anos de idade. Ela é formada em literatura e é professora visitante em *Harvard* e *Cornell University*. A escritora já publicou diversos livros de romances, poesias e contos, muitos deles traduzidos para outros idiomas como o inglês, francês, italiano e alemão. Dentre suas obras se destacam as novelas *Sirena Selena vestida de*



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

pena (2000), *Fe en disfraz* (2009), *La amante de Gardel* (2015), livro de contos: *Pez de vidrio* (1995), *El cuerpo correcto* (1997), Poesia: *Anamú y manigua* (1997), *Tercer mundo* (1999), dentre outros. Santos-Febres foi ganhadora de diversos prêmios internacionais com destaque para o prêmio Letra de Oro (1994) e Juan Rulfo (1996). Sua última publicação foi o livro de poemas “Huracanada”, no qual a escritora narra através de poemas, como foram os terríveis dias durante o furacão Maria que aconteceu em Porto Rico provocando milhares de mortes em setembro de 2017. Sua escrita se caracteriza por tratar de recortes raciais e de gêneros e temas plurais como a história, a religiosidade a crítica social e o erótico, características das produções que dialogam com as tradições africanas e diaspóricas. (SOUZA, 2018, p.99), exercendo o papel que Hill Collins, (2016, p.21) salienta que é para ser desempenhados por mulheres negras intelectuais:

Um papel para mulheres negras intelectuais é o de produção de fatos e de teorias sobre a experiência de mulheres negras que vão elucidar o ponto de vista de mulheres negras para mulheres negras. (Hill Collins, 2016, p.21)

Nesse sentido, este trabalho visa analisar as relações da escrita da mulher negra caribenha com a história e a memória através da obra da escritora Mayra Santos Febres, no

romance *Fe en disfraz*, ademais, estabelecer as relações apresentadas entre o passado colonialista e a contemporaneidade na obra analisada, na questão da violência e sua subversão suas diferenças e continuidades.

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico e propõe uma breve discussão a análise do romance *Fe en disfraz* da escritora porto-riquenha Mayra Santos Febres (2009). Dessa forma, a pesquisa será viabilizada pelos seguintes procedimentos metodológicos: Análise crítica do romance relacionando com os contextos sócios históricos e políticos concernentes. Estabelecer diálogos entre os textos teóricos relacionados às heranças da diáspora negra na vida das mulheres da América Latina, assim como textos que dialoguem questões referentes à memória cultural e a escrita da mulher negra.

Nessa obra, a escritora Mayra Santos-Febres aborda com uma forte carga de erótica, as violências sexuais que as mulheres escravizadas da América Latina sofriram na época da escravidão pelos seus senhores e como algumas delas puderam subverter as relações de poder estabelecidas nesse contexto.

Nessa perspectiva, a obra dialoga com duas temporalidades- o passado, através das narrativas das mulheres escravizadas de diversos países da América Latina, na época da colonização- a saber: Colômbia -



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Cartagena de Índias, 1743, Costa Rica - Valle de Matina, 1719, Venezuela - Mérida 1645 – Marcaibo, 1985 e Brasil-Minas Gerais, 1785. E o presente - nas metrópoles Chicago, Madrid e Porto Rico por meio das personagens com questões atualizadas e ressignificadas, onde a mulher negra assume lugares de poder, mas que dialogam com passado escravocrata. Nessa perspectiva a atualidade e o passado colonial são postos em paralelo, através do romance histórico explicitando suas diferenças e continuidades em relação às vivências da mulher negra.

Assim, o romance se inicia a partir de um prefácio no qual o narrador personagem informa que sua história ficará como testemunho se por acaso ele ou a museógrafa Fe Verdejo não regressasse da festa de Véspera de Todos os Santos. Em seguida, informa ainda como iniciou sua relação com Fe verdejo. A narrativa se desenlaça com o achado de uma coleção com documentos sobre mulheres escravizadas *alforriadas* de diversas regiões do império português e espanhol e neles contavam como conseguiram tornarem-se fazendeiras, outros documentos relatavam abusos que levaram as escravizadas a pedir ajuda ao Santo Ofício e, além disso, declarações de atormentações e castigos, relatos minuciosos de estupros com conteúdo sexual bastante violento. Nesse contexto, a

coleção chama atenção por não estar identificada nem ter o nome do doador.

Com apoio financeiro de algumas instituições interessadas no tema raça e identidade, a pesquisadora começa sua investigação, concentrando-se no Brasil, nossa Pátria amada, mas nada gentil com essas mulheres negras, e logo depois partindo para outros territórios latino-americanos. Dessa maneira, sua inquirição inicia-se em Minas Gerais, na cidade de Tejuco, pois de lá resultavam a maior quantidade de documentos com conteúdos mais dramáticos.

Em terras brasileiras, Fe encontra o luxuoso vestido de Xica da Silva, traje que a ex. escrava encomendou diretamente de Portugal. Para ser apresentada por Fernândes de Oliveira à sociedade branca da época. Oliveira fazia questão que Xica exibisse bastante luxo que era para apagar as marcas da escravidão do corpo de sua amante (FEBRES, 2009, p. 76). Resultou que Fe se identifica com a história de Xica da Silva e ao vestir seu vestido encontra reverberações da sua própria história como mulher negra e se sentindo profundamente afetada, é despertado nela um grande interesse em conhecer todos os meandros da vida da famosa Xica da Silva. Assim, a venezuelana mergulha no terrível passado para desvendar, além das histórias dessa famosa alforriada, a de outras diversas escravizadas que lutaram em busca de suas



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

liberdades apesar de todos os infortúnios e termina recompondo sua própria história.

Em *Fe en disfraz*, novela da autora negra porto riquenha Mayra Santos-Febres, destaca-se esse lugar ainda pouco ocupado pelas mulheres negras na sociedade, como podemos perceber no seguinte trecho:

*“no abundan mujeres como Fe en esta disciplina; mujeres preparadas en Florencia, en México; [...] No son muchas las estrellas académicas con su preparación y que, como Fe, sean, a su vez, mujeres negras.”*¹ (FEBRES, 2009, p.16).

No início da obra já percebemos a potência dessa narrativa. Nesse sentido, *Fe en disfraz* de Santos-Febres é uma obra contemporânea que discute a colonialidade, e que conta as histórias de mulheres negras, dando um protagonismo a uma personagem que é uma mulher negra, atuando na obra às vezes como intelectual, artista, outras vezes como mulher que domina um homem branco e é detentora de poder, principalmente de poder sexual, o que faz a narrativa ainda mais inovadora.

A novela apresenta características da obra feminina negra, que de acordo com a

¹ Não há muitas mulheres como Fe nesta disciplina; mulheres preparadas em Florença, no México; [...] não há muitas estrelas acadêmicas com sua preparação e que, como Fe, sejam, por sua vez, mulheres negras.

escritora Ana Rita Santiago (2012, p. 163) essas escritoras escrevem em suas produções:

“não só com um tom de protesto e de denúncia –, elas reescrevem e ficcionalizam mundos, dramas, sonhos, experiências pessoais e socioculturais que lembram as memórias literárias de suas antepassadas e recriam novas palavras e escritas femininas negras.” (Santiago, 2012, p.163)

Nesse sentido, a romancista Santos-Febres problematiza a falta de narrativas dos homens e mulheres que foram escravizadas, ela afirma:

En inglés, existen miles de declaraciones de esclavos que dan su testimonio en contra de la esclavitud. Mujeres educadas que formaban parte de sociedades abolicionistas les enseñaban a leer y a escribir, recogían sus palabras y, luego, financiaban la publicación de esos testimonios para que el público conociera los terrores de la trata. Oludah Equiano, Harriet Jacobs, Mary Prince, Frederick Douglass, esclavos con nombres y apellidos, contaron el infierno de sus vidas bajo el yugo de la esclavitud. En español, por el contrario, fuera de las memorias del cubano Juan Manzano o del testimonio Cimarrón de Miguel Barnet, no existe ninguna narrativa de esclavos;



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

*menos aum, de escravas.*²
(Santos - Febres p.23).

Através do encontro entre literatura e história, cria-se uma narrativa que proporciona ao leitor conhecer outros discursos que não foram ouvidos e divulgados pela historiografia hegemônica e assim descortinar outros enquadramentos que historicamente ficaram à margem. Dessa forma, esse romance nos possibilita observarmos a história e “olharmos para ele não somente pela perspectiva do descobridor ou do dominador, mas também pensar, imaginar e refletir a existência de outras vias pelas quais esses fatos poderiam ser transmitidos.” (FLECK, 2018.p.54). Desse modo, quando surge uma escrita do colonizado ou escravizado dando o seu testemunho, mostrando que houve resistência e luta, “a escrita literária negra torna-se uma textualidade de formação e de fortalecimento de identidades negras” (SANTIAGO, 2015, p.133).

² Em inglês, existem milhares de declarações de escravos que testemunham contra a escravidão. Mulheres instruídas que faziam parte de sociedades abolicionistas ensinaram-lhes a ler e escrever, pegaram suas palavras e depois financiaram a publicação desses testemunhos para que o público conhecesse os terrores do tráfico. Oludah Equiano, Harriet Jacobs, Mary Prince, Frederick Douglass, escravos com nomes e sobrenomes, contaram o inferno de suas vidas sob o jugo da escravidão. Em espanhol, por outro lado, fora das memórias do cubano Juan Manzano ou do testemunho Cimarron de Miguel Barnet, não há narrativa de escravos; menos ainda, de escravas.. (Santos-Febres p.23).

Nesse cenário, tornou-se salutar pesquisar obras de intelectuais femininas negras para tornar conhecidas suas produções e seus trabalhos nos espaços privilegiados como a universidade pública e, além disso, derrubar os muros e romper com o silenciamento de suas vozes e as correntes da epistemologia hegemônica eurocêntrica, descolonizando pensamento e, assim, possibilitando novas epistemes “colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm pensando em resistências e reexistências (Ribeiro, 2017, p.14). Nesse sentido, bell hooks (1995, p.465), aponta que o trabalho intelectual é uma parcela imprescindível da luta pela libertação fundamental para o empenho de todos os indivíduos oprimidos e/explorados que transformariam de objeto a sujeito que descolonizariam e libertariam suas mentes.

Ela sinaliza também que, mesmo existindo testemunho histórico de que as mulheres negras sempre exerceram atividades significativas:

Como professoras, pensadoras, críticas e teóricas culturais, na vida negra, em particular nas comunidades negras segregadas, muito pouco se escreveu sobre intelectuais negras. (1995, p.466).

Apesar de que, hodiernamente, termos conhecimento que, durante a história, a mulher negra veio construindo um longo



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

“percurso intelectual e de luta para serem sujeitos políticos e produzindo discursos contra hegemônicos.” (RIBEIRO, 2017, p.19).

Sobre a história, a escritora lança na obra o questionamento sobre a quem interessa preservar a história hegemônica, o narrador comenta: *“Se necesita dinero para preservar la Historia, mucho dinero y mucho poder.”*³ Desse trecho surge o questionamento: quem tem poder para preservar a história? Interessa aos poderosos relatar a história das minorias? Em outra parte o narrador afirma: *“toda historia necesita de alguien que narre, al menos, una versión parcial de los hechos.”*⁴(p.81) Foucault, na Arqueologia do saber, afirma que quando se elege um fato da história, outros ficam de fora, que a história é narrada a partir de um enunciador que possui um lugar de fala, o que fala esse sujeito e o lugar dele está relacionado com as questões de poder. Por isso alguns discursos sociais são mais legitimados que outro.

Nessa perspectiva, se levarmos esse debate também para o campo literário, podemos observar igualmente um silenciamento de discursos minorizados em favor da conservação de espaços de poder de alguns discursos. No Brasil, a literatura atuou

³É preciso dinheiro para preservar a história, muito dinheiro e muito poder.

⁴ Toda história precisa de alguém que narre, pelo menos, uma versão parcial dos fatos.

como reprodutora de discursos preconceituosos, forjando representações negativas e estereotipadas sobre os afrodescendentes. Diante disso, na contemporaneidade, a literatura tem sido um ambiente reivindicado pelas escritoras negras que buscam esse “espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos” (EVARISTO, 2005, p.52). A pesquisadora Florentina Souza (2018) afirma que “a escrita de mulheres negras, por muito tempo, foi ignorada pela crítica e entendida como textualidade sem valor literário”. Ela ressalta que:

Ao assumirem a posição de sujeitos da escrita, elas rompem com determinismo instaurado por séculos que apontam para elas o lugar exclusivo de serviçais e de objetos. Suas falas/vozes não autorizadas foram, a priori, ignoradas, o que vem a constituir um epistemicídio. (Souza, Florentina, 2018, p.95)

Em *Fe en disfraz*, Mayra Santos-Febres aponta que universidades estão cheias de homens brancos:

*“Somos hombres de extensa preparación libresca, tan blancos como los pergaminos con los que nos rodeamos para sobrevivir nuestra inadecuada pertenencia al mundo de los vivos”*⁵ (p.17).

⁵ Somos homens de extensa preparação de livros, tão brancos quanto os pergaminhos com os quais nos



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Isso porque nossas identidades foram construídas a partir de nossas questões históricas (Hall, 2003), somos construídas em uma sociedade que as mulheres negras muitas vezes foram definidas a partir de elementos opressores e apresentadas à sociedade a partir de uma visão sexista de objeto sexual, que, em geral, é caracterizada levando em conta apenas a dimensão estética que as reduzem “à condição de capacidade de ser mãe”, gerando, muitas vezes, uma autoimagem atravessada pelo machismo e que considera como preponderante os papéis que a sociedade patriarcal as incumbiu de desempenhar. (DAVIS, 1982,p.03). Ainda no romance, o narrador nos lembra que “*la Historia está llena de mujeres anónimas que lograron sobrevivir al deseo del amo desplegándose ante su mirada.*”⁶

Em *Fe en disfraz*, as marcas das identidades femininas negras afloram na literatura que, segundo Santiago (2015, p. 153), “também é possível o empenho por uma literatura que tenha, além da assinatura feminina, significantes e significações que circunscrevam pleitos de assenhramento de si e de seus “destinos””. Em entrevista ao site Afrofémina Mayra afirma que “*Ser negra es*

cercamos para sobreviver à nossa inadequada pertença ao mundo dos vivos.

⁶ A história é cheia de mulheres anônimas que conseguiram sobreviver ao desejo do mestre desdobrando diante de seus olhos.

la razón primordial por la cual soy escritora”⁷ e sua obra está permeada pelas as subjetivações que lhe atravessam e são visíveis as questões resultantes da diáspora africana que afetam as mulheres negras. Desse modo, torna-se imprescindível analisar as teorias sobre a participação de mulheres negras na literatura contemporânea a fim de dar visibilidade a essas autoras, pois, concordando com bell hooks, “quando a maioria dos negros pensa em grandes mentes, quase sempre invoca imagens masculinas”. (HOOKS, 1995, p.466), estando refém de saberes, epistemes e imaginários que nem sempre representam ou propõem questões relativas aos seus questionamentos.

A partir da novela *Fe en Disfraz*, da escritora Mayra Santos-Febres, tem-se a oportunidade de conhecer, e dar visibilidade à obra de uma intelectual feminina, afro-caribenha, a partir do seu olhar atento e crítico, por meio de sua literatura e elaborando acesso a outro enquadramento do nosso triste e violento passado histórico – a escravidão. Isto é, nessa narrativa, Santos-Febres confere espaço e voz às personagens escravizadas, oportunizando seus direitos de fala, expondo os diversos tipos de violências sexuais sofridas por elas, descortinando o comportamento do homem branco e ainda apontando a cumplicidade da igreja católica

⁷ Ser negra é a razão primordial pela qual sou escritora.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

com tais violências. Nessa perspectiva, o leitor é levado a criar novas imagens e resignificar às representações da mulher negra na história da colonização. Sobre a escrita da mulher negra Santiago (2015) aponta ainda que:

Em um movimento de reversão, elas escrevem para (des)silenciarem as suas vozes autorais e para, através da escrita, inventarem novos perfis de mulheres, sem a prevalência do imaginário e das formações discursivas do poder masculino, mas com poder de fala e de decisão, logo senhoras de si mesmas. (SANTIAGO, 2015, p.155).

Conclusão

Em síntese, essa narrativa é significativa, pois agora é contada sob um olhar atento, cuidadoso e corajoso de uma intelectual feminina, afro-caribenha, que compartilha um passado histórico semelhante a de outras afrodescendentes da América Latina, já que, assim como o caribe, a América Latina é formada por “países que trazem consigo o “legado do império””(Hall, 2003.p, 28) e que “a via para a nossa modernidade esta marcada pela conquista, expropriação, genocídio, escravidão, pelo sistema de engenho e pela longa tutela da dependência 'colonial.’”

Todo esse processo diaspórico influenciou na produção literária das afrodescendentes, sendo assim, as mulheres negras vem produzindo há muito tempo, todavia enfrentam o problema da falta de visibilidade das suas produções. Ainda assim, na contemporaneidade, tem surgindo um cenário no qual se observa uma efervescência no campo literário de escritoras negras latino-americanas, buscando pensar políticas de afirmação e atender demandas relacionadas ao dia-a-dia dessas mulheres.

Desse modo, a escrita feminina negra de Mayra Santos-Febres surge como um grito, com um discurso que rasura o outro e provoca insurgências contra o sistema opressor, motivadas por seus atravessamentos e suas subjetividades.

Agradecimentos:

Agradeço ao Programa Milton Santos pela bolsa concedida para que eu possa dar continuidade a esse estudo. E a minha orientadora Profa. Dra. Júlia Morena Silva Costa.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Referências

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 06 dez 2018.

DAVIS, Angela. **Mulher, Raça e classe.** Grã Bretanha: Tradução Livre. Plataforma. 1982.

EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira.** Revista Palmares: cultura afro-brasileira, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FLECK, Gilmei Francisco. **O romance histórico contemporâneo de mediação: Entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção.** Curitiba, CRV. 2017

HALL, Stuart. **Pensando a diáspora: Reflexões sobre a Terra no exterior.** In: _____. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2003.

HILL Collins, Patrícia. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro.** Revista Sociedade e Estado. Vol.31 Número 1 Janeiro/Abril 2016

HOOKS, bell. **Intelectuais negras. Estudos feministas.** Rio de Janeiro: Ano 3, n. 2, 1995.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte(MG). Letramento: Justificando, 2017

SANTOS-FEBRES, Mayra. **Fe en disfraz.** Florida, Alfaguara. 2009.

SANTOS-FEBRES.

<https://afrofeminas.com/2015/07/01/ser-negra-es-la-razon-primordial-por-la-cual-soy-escritora-entrevista-a-mayra-santos-febres/> . acesso em 16. nov.2018

SOUZA, Florentina. **Mulheres negras escritoras.** In: SILVA, Jorge Augusto (org.). **Contemporaneidades Periféricas.** Salvador, Editora Segundo Selo. 2018

SANTIAGO. Ana Rita. **Vozes Literárias de Escritoras Negras.** Cruz das Almas/ BA : UFRB, 2012.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero